



IANELLI, Mariana. *O amor e depois*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

Lyza Brasil Herranz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

lyzabrasil@gmail.com

O amor, até o amor existe,
Um lunático mendicante que vadia pela terra
À espera de outra chance –
“Miragem”, *O amor e depois*.

O título do sétimo livro de Mariana Ianelli bem poderia ser uma pergunta: O amor... e depois? O que fazer quando o amor acaba? “Como acaba um amor?”, pergunta Roland Barthes (2003, p. 143). Ou quando não acaba nunca? Será o amor uma experiência-limite para a qual tudo mais se configura um “depois”? Mas, então, o que pode vir depois do amor? São muitas as questões suscitadas pelos 41 poemas que compõem *O amor e depois*, em que a poeta paulista põe em diálogo o amor, o tempo e a morte, a fim de refletir sobre a vida humana e o próprio ato poético. Habitados por vozes e tempos que ela recupera e atualiza, seus versos, desde *Trajectoria do antes* (1999), inserem-se numa dimensão mítica que confere à sua produção um caráter único no panorama da poesia brasileira contemporânea.

Em *O amor e depois*, o primeiro termo comparece já no nome do amigo a quem a obra é dedicada (Ramon), e o segundo logo na epígrafe, que retoma versos da poeta italiana Cristina Campo, pseudônimo de Vittoria Guerrini, n’*O passo do adeus*: “Devota como ramo/ curvado pelos nevões/ alegre como fogueira/ nas colinas esquecidas, // sobre acustíssimas lâminas/ em branca camisa de urtigas,/ te ensinarei, minha alma,/ este passo do adeus...” (CAMPO *apud* IANELLI, 2012, p. 11).

Aceitar “o árduo caminho para a beleza” (CAMPO *apud* REYNAUD, 2008, p. 455), como a italiana definia a sua obsessiva busca pela perfeição estilística, é também o desafio assumido pela brasileira, para quem “o trabalho com a palavra se dá na dimensão humana do encontro, de um pacto com o outro que acaba por fazer da sua solidão uma solidão acompanhada” (IANELLI, 2007b, [s.p.]). A metáfora do poema como um fio retesado, oferecido ao leitor para que ele possa acessar o labirinto de significados da obra, revela, por meio da tessitura, o princípio articulador dos poemas de Ianelli: “Se imaginarmos o poeta na ponta de um fio, este fio sendo o poema, como a corda de um instrumento, o leitor está ali na outra ponta, mantendo a corda retesada” (IANELLI, 2007b, [s.p.]).

No livro *O amor e depois*, para que os fios se encontrem e o tecido se realize, é preciso que atue a força de um amor que é “maior do que tudo o que pode o desejo. [...] É aquilo que, para mim, já está numa outra dimensão, maior que a de um sentimento” (IANELLI *apud* DIAS, 2013, [s.p.]), porque, explica a poeta, “à parte o poema-título, o amor não está presente ali senão como um consentimento maior, algo ligado a um sentido de esperança diante das coisas destruídas, devastadas, aparentemente extintas” (IANELLI *apud* MACIEL, 2013, [s.p.]). O desafio assumido por ela e por sua poesia é, assim, ainda maior: “O desafio é quanto pode durar o teu sorriso/ Contra toda a tua escória, as tuas derrotas,/ No fragor dos estilhaços, algum brilho” (IANELLI, 2012, p. 59), dizem os últimos versos de “Desafio”. O amor é o que vem depois da ruína, e a poesia é o antídoto da morte.

No universo poético de Ianelli, a experimentação poética da morte converte a extinção da vida em renovação da existência, pois vida e morte não se opõem, antes complementam-se, tal como amor e morte podem ser considerados “movimentos distintos e complementares de um mesmo processo vital”, ou ainda “um ato amoroso, seguido pelo inevitável ‘depois’ que o conectivo ‘e’ tão bem evidencia em flagrante ambivalência unindo e separando os elementos: amor / morte” (BORGES, 2012, p. 98), afirma o poeta Contador Borges no posfácio do livro.

1 “O sangue fabricando amor/ A morte é um escarlate súbito”

No percurso da obra, o abandono e a ruína são temas permanentes. Por isso, a autora inicia com o poema “Neste lugar”, que imediatamente

nos lança na aridez do livro e na avidez do tempo, cujo eco, ao final da primeira estrofe, se faz ouvir por todo o poema:

Nenhum traço de delicadeza,
Só palavras ávidas
E o tempo,
A devoração do tempo.

Um jardim entregue
Às chuvas e aos ventos.

O que para os cães
É febre de matança
E para um deus
Um dos seus inúmeros
Prazeres.

Caminhos de sangue
Onde reina o amor primeiro,
Morada de súbita
Ausência do medo.

Um despenhadeiro, o céu
E uma queda
Sem alívio de esquecimento. (IANELLI, 2012, p. 13)

O pórtico inaugural de *O amor e depois* é espaço desolado, desprovido de delicadeza e sujeito à devoração absoluta do tempo, temática imortalizada nas telas de Rubens, em *Saturno devorando a un hijo*, e Goya, em *Saturno*. Ambas contam a narrativa mitológica de Saturno, ou Cronos, personificação do tempo, que se alimentava dos próprios filhos para fugir à profecia que anunciava sua queda pelas mãos de um deles:¹ “O que para os cães/ É febre de matança/ E para um deus/ Um dos seus inúmeros prazeres”.

Nesses caminhos de sangue, aspecto marcante da pintura negra de Goya, Cronos está ligado à morte tanto quanto à vida, sobretudo a de Afrodite, cujo nascimento deve-se ao ardil de Terra e Cronos para pôr fim à regência de Céu. Bem-sucedida, a artimanha leva ao início

¹ No mito, Zeus, um dos filhos de Cronos e Rheia, é salvo pela mãe da grotesca devoração. Adulto, vinga-se do pai obrigando-o a vomitar os filhos engolidos. É com a ajuda dos irmãos que Zeus destrona Cronos e torna-se a divindade mais poderosa do Olimpo.

de uma nova fase em que deuses e homens já não são mais concebidos pela fecundação direta do sêmen celestial no ventre da Terra, mas pela interferência coercitiva da deusa enquanto força de acasalamento. Na primeira partilha de honras, cabe a Afrodite atuar no gozo, na beleza, na doçura, nos sorrisos, no amor – e nos enganos, pois ela tem qualificativos positivos, da esfera da vida, e negativos, da potência de morte. Se “toda descendência é uma explicitação do ser e natureza da Divindade genitora” (TORRANO, 2003, p. 41), a deusa compartilha a astúcia de Cronos, a justiça das Erínias e a força destrutiva dos Gigantes e das Ninfas. A mutilação que lhe trouxe à luz como única descendente do esperma, e não do sangue – secreções sagradas –, reúne desde o princípio vida e morte, ser e não ser, o que a aproxima de Dioniso ao carregar o embrião da complementaridade dos opostos. E é por conter em si o germe dos seres dos quais descende, que está submetida ao poder de Cronos tanto quanto seus irmãos, como se percebe especialmente na estrofe final do poema que dá título à obra: “Como se o tempo não devorasse/ Também o desconsolo,/ E dele fizesse exsudar um leve perfume,/ Como se não arrastasse/ Cada corpo uma penumbra,/ Como se fosse possível/ Em vida a paz dos mortos” (IANELLI, 2012, p. 23).

As três linhas de força do livro de Ianelli estão presentes nesses poemas: tempo, amor “primeiro” e morte. Assim elas reaparecerão, sempre associadas, ao longo de toda a obra, em uma série de poemas nos quais vicejam imagens que poderiam ser, a princípio, antagônicas: em “Legião”, vibra sob as “estátuas cobertas de hera” e o “chão perigoso, esverdeado” uma orgia de “trepadeiras e crisálidas” (IANELLI, 2012, p. 15); em “Herança”, o “milagre do riso” se mistura ao pavor e à náusea (IANELLI, 2012, p. 17); em “Dádiva”, o calor da ternura gera uma lágrima provinda de “uma extinta batalha” (IANELLI, 2012, p. 25), de um cenário de fumaça e de devastação; em “Nesta hora”, à “voragem do estupro” sobrepõe-se um arrebatamento que deixa no corpo a “reminiscência de um bosque/ rebrilhando em noite de geada” (IANELLI, 2012, p. 29); em “Fantasia”, o que vem após a decepção e o vazio absoluto é um “deslumbramento à margem dos abismos” (IANELLI, 2012, p. 35).

No posfácio do livro, Contador Borges chama a atenção para o modo como Ianelli, “com demolidora delicadeza”, nos aproxima da morte para celebrar a vida, “ao mesmo tempo em que nos mostra não ser isto possível sem aceitar o próprio sofrimento” (BORGES, 2012, p. 98). Tal como na poesia de Cristina Campo, o “árduo caminho para a beleza” é

a forma de sobreviver a uma “experiência profunda de dilaceramento interior” (REYNAUD, 2008, p. 455).

Dessa maneira, em *O amor e depois*, retoma-se, inclusive, o Holocausto em poemas como “Uma flor entre as páginas”, no qual “tudo o que é silêncio [...] foi inspirado nos diários de Etty Hillesum” (IANELLI, 2007b, [s.p.]), uma jovem judia cujos diários descrevem a vida em Amsterdã durante a ocupação alemã. Já em *Almádena* (2007a), o décimo dos doze poemas do livro havia sido construído a partir da oposição liberdade *versus* prisão/campo de concentração, evidente no contraste revelador entre o título – “Da liberdade” – e o fim – “O poeta depois de Auschwitz” (IANELLI, 2007a, p. 83) –, verso que remete à polêmica afirmação “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro” (ADORNO, 1962, p. 29). Levar a fragmentação do mundo e a violência para dentro da literatura não exige um esforço maior contra a realidade dada. Apostar na beleza, na sutileza, na esperança, ao contrário, requer uma transubstanciação da complexidade do mundo na força simbólica da palavra.

No cenário dessacralizado do pós-guerra, Cristina teve a coragem de defender, em seus ensaios e poemas, a beleza, que ela considerava uma secreta virtude teologal e que parecia inadmissível em sua época porque aceitar a beleza, segunda ela, “é sempre aceitar a morte, o fim do velho homem e uma difícil vida nova”. (IANELLI, 2011, [s.p.])

2 “E se o pranto for a verdade/ Do canto”

Na verdade, o amor é aqui “Uma flor entre as páginas”: “Olhai o jasmim como cresce/ Entre o muro lamacento e o telhado,/ Como continua a florir no meio dos campos gelados –” (IANELLI, 2012, p. 89):

o amor tem aí um sentido amplo, é o que vem depois da ruína, depois da relutância em aceitar que a morte não está separada da vida, é um pacto de confiança, uma aliança – o que implica em aceitar que não só nós somos muito pequenos diante desse amor, como também já não é o nosso desejo que nos move no fim de tudo. É aceitar que somos movidos. [...] Já disseram que o poeta não escreve um poema, mas é escrito por ele, o que não exime ninguém do trabalho duro, só acrescenta a esse trabalho uma dose

de humildade – saber que não estamos no controle, que às vezes não há mais o que fazer senão esperar, que o poema se elabora nessa espera aparentemente descompromissada. (IANELLI, [s.d.], [s.p.]

Há muitos pontos de contato entre o amor e a poesia. A poesia (como o amor) é uma perseguição: “Porque um dia te chamei/ para sempre me persegues” são versos de “Instinto” (IANELLI, 2012, p. 55). E todo poema (como todo amor), acrescenta ela em “Fantasia”, costuma vir “depois da grande decepção” (IANELLI, 2012, p. 35). Há uma depressão – como um deserto em declive que se deve atravessar sozinho – até que se chega, enfim, ao verso. O poema (e o amor) surge depois da descida, da experiência catabática, “mesmo que te doendo como a um animal/ perdido, arremessado no vazio de um campo” (IANELLI, 2012, p. 35). Frente à perda e ao “combate imenso”, o amor (e a poesia) necessita de entrega: “Numa cama de escombros/ Nosso abraço inevitável,/ Nossa nudez sem vexame/ No ermo das coisas desfeitas”, está escrito em “Uma manhã” (IANELLI, 2012, p. 67). Essa recusa ao aniquilamento que todo ato criador comporta é o tema de “Composição”, poema no qual a música – a poesia – é o que se eleva sobre a ruína:

A lenta e refinada arte
De fazer nascer um adágio –

Extrair o peso a cada pedra
E ver mais alto o edifício
A cada coisa abandonada
A cada rosto de si mesmo perdido –

Esse edifício transparente e musical
Onde se vê um pássaro sobre ruínas. (IANELLI, 2012, p. 21)

O adágio, derivado de *ad agio*, isto é, “comodamente”, encarna um andamento moderado, sem a aceleração da juventude e sem a lentidão dos derrotados. Trata-se de um equilíbrio que favorece o abandono de cada coisa, pois a vida também é arte de perder e então obter a leveza necessária para se erguer dos despojos um edifício sonoro, de tal maneira que sobre as ruínas um pássaro fênix possa, apesar de tudo, alçar algum voo. Para Contador Borges, o “depois” é a própria poesia diante da morte, resgatando sua relação com a vida, violentando “com lirismo todas as coisas, todos os seres de linguagem” (BORGES, 2012, p. 106):

A morte é a vitória do real sobre o sonho. Ela não deixa de ser a forma última que o amor adquire [...]. Se o sentido da morte se torna belo na poesia é que ele evidencia o que há de mais intenso na beleza, quando ela agoniza e começa a esvanecer. [...] Mas sempre nos resta a poesia, um último olhar para os canteiros repisados. O resto é silêncio, a matéria escura e represada do espelho do poema. (BORGES, 2012, p. 108-109)

A composição que encerra o volume, “Potsdamer Platz”, cuja epígrafe é do filme *Asas do desejo* (1987), de Wim Wenders, sintetiza o mundo arquitetado por Mariana Ianelli, como se percebe na estrofe final: “Aqui onde os caminhos se destrinçam/ Um mundo e a claridade do desejo/ De alguém que muito longe e muito antes,/ Recalcitrante entre os restos de uma guerra,/ Tentado a desistir, não desistiu” (IANELLI, 2012, p. 93).

Referências

- ADORNO, T. *Prismas: la crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGES, C. Amor, soberania e morte em Mariana Ianelli. In: IANELLI, Mariana. *O amor e depois*. São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 95-109.
- CAMPO, C. *O passo do adeus*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- DIAS, M. O amor como consentimento. *Jornal A Tarde*, Salvador, fev. 2013. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/marianaianelli/criticas/amorconsentimento.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- IANELLI, M. *Almádena*. São Paulo: Iluminuras, 2007a.
- IANELLI, M. Já não é o nosso desejo que nos move até o fim. *Suplemento Pernambuco*, Recife, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/component/content/article.html?id=872>>. Acesso em: 9 jan. 2018.
- IANELLI, M. *O amor e depois*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

IANELLI, M. Poesia e mística: o silêncio como origem e destino. Entrevista especial com Mariana Ianelli. *Revista (IHU)*, São Leopoldo, 22 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505235-poesia-e-mistica-o-silencio-como-origem-e-destino-entrevista-especial-com-mariana-ianelli>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

IANELLI, M. Vejo na poesia uma possibilidade de transubstanciação. Entrevista especial com Mariana Ianelli. *Revista (IHU)*, São Leopoldo, 7 dez. 2007b. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/11168-%60vejo-na-poesia-uma-possibilidade--de-transubstanciacao%60-entrevista-especial-com-mariana-ianelli>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MACIEL, N. Escritora Mariana Ianelli lança O amor e depois, sétimo livro de poesia. *Correio Braziliense*, Brasília, fev. 2013. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/02/14/interna_diversao_arte,349491/escritora-mariana-ianelli-lanca-o-amor-e-depois-setimo-livro-de-poesia.shtml>. Acesso em: 5 jan. 2018.

REYNAUD, M. J. Com leve coração, com leves mãos: a poesia de Cristina Campo. In: TOPA, F.; MARNOTO, R. (Org.). *Nel mezzo del cammin*. Porto: Sombra pela Cintura, 2008. p. 453-458.

TORRANO, J. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2011. p. 13-97.

Recebido em: 11 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 12 de abril de 2018.